

Organização em redes e consórcio para pequenas Agroindústrias Camponesas como instrumento de garantia de sustentabilidade econômica

Skalart Gonçalves UFFS; Junior V. de Oliveira, UFFS
skalart.g@gmail.com / juniurv.oliveira09@gmail.com
Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS
Núcleo de Estudos em Cooperação e Economia Solidária, NECOOP

1 Apresentação e Justificativa

As políticas e ações de desenvolvimento regional têm por objetivo projetar e impulsionar dinâmicas sócio-econômicas capazes de alavancar o crescimento e a promoção do bem-estar dos indivíduos que dividem determinado espaço. Um dos instrumentos que influenciam positivamente o desenvolvimento regional são as redes agroindustriais de origem camponesa. Segundo o PREZOTTO (2010, p.17) "Rede de agroindústrias é a união de várias agroindústrias constituindo um grupo associativo, ou uma forma de articulação ou parceria entre várias agroindústrias". Com isso, as pequenas agroindústrias, ao invés de concorrerem entre si, formam uma Rede para desenvolverem ações em conjunto que as beneficiam mutuamente. Esse instrumento tem um caráter integrador de vários formatos de agroindústrias individuais, dinamizando suas ações em torno de seus objetivos, no qual a soma das partes é a maior que o todo, possibilitando assim que micro e pequenos empreendimentos de caráter familiar tenham condições de permanecer e acessar mercados, cada vez mais competitivos e globalizados, assegurando assim sua sobrevivência.

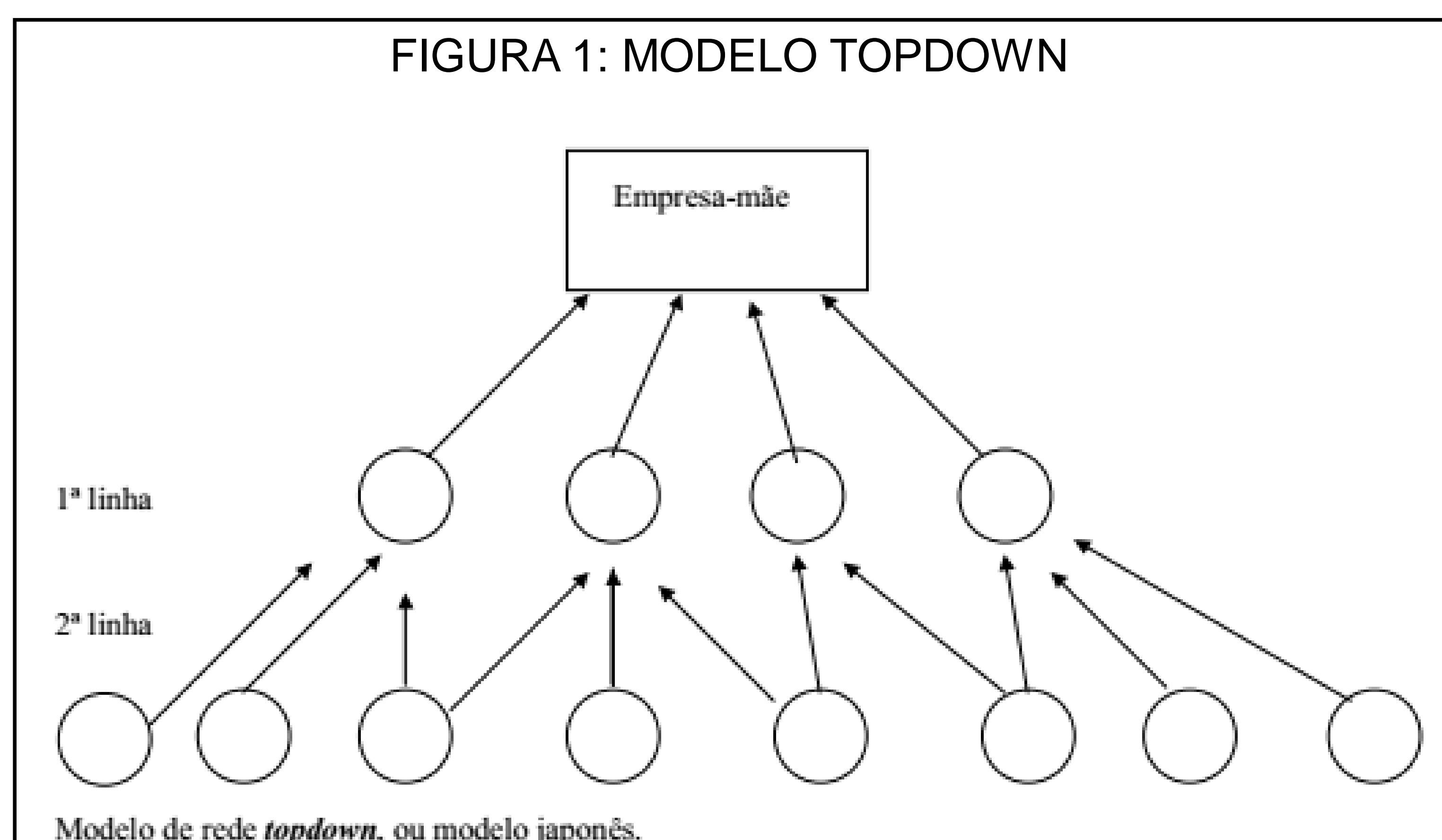
2 Fundamentação Teórica

Redes de Serviços como Instrumento de Sustentabilidade Econômica

Atualmente a organização em rede é considerada um instrumento relevante para o desenvolvimento regional, tendo em vista seu alto potencial para garantir a sustentabilidade e a sobrevivência de certos empreendimentos sejam eles de caráter capitalista-empresarial ou solidário, "O objetivo principal é as agroindústrias se juntarem para melhorar a gestão e seus processos de intervenção e permanência no mercado, acessarem serviços especializados, com maior eficiência menores custos [...] (PREZOTTO, 2010 p.13).

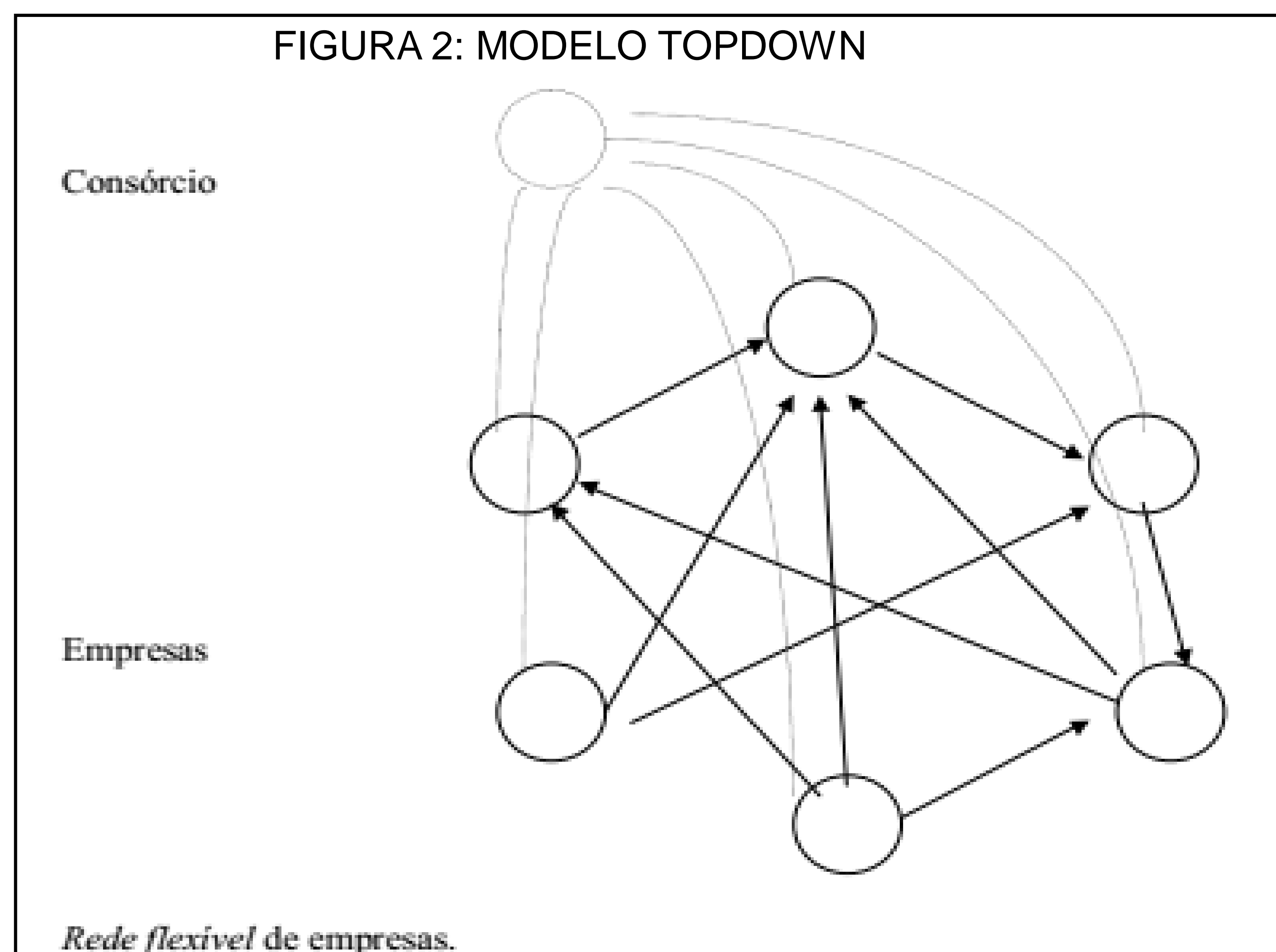
Existem diversas tipologias de redes, GANDORI & SODA, apud AMATO & OLAVE (2001), desenvolveram tipologia de redes industriais baseada em três critérios, a saber: (i) tipos de mecanismos de coordenação; (ii) grau de centralização de rede e (iii) grau de formalização de rede. Com estes critérios identificaram três modelos básicos; REDES SOCIAIS, REDES BUROCÁTICAS E REDES PROPRIETÁRIAS.

Em função de seu pequeno tamanho, as agroindústrias de origem familiar mostram comportamentos mais ágeis e flexíveis em comparação aos dos grandes complexos industriais, sendo mais interessante a tipologia elaborada por CASAROTTO & PIRES (1998). Estes autores definem dois tipos de redes, a) as chamadas *topdown* e b) as redes flexíveis.



Fonte: CASAROTTO e PIRES (1998)

O principal objetivo da forma de organização denominada rede flexível é a maximização dos lucros através da diluição dos custos com serviços especializados; alcançando a efetividade de suas operações; Assim, a UCA irá prestar serviços aos empreendimentos nas três etapas principais da cadeia produtiva; produção da matéria prima a industrialização, e por fim na comercialização.



Fonte: CASAROTTO e PIRES (1998)

As funções iniciais e finais são melhor desempenhadas pelo consórcio, enquanto as intermediárias podem ser realizadas pela própria empresa flexível (BRDE, p. 15 2004).

A rede de agroindústrias ou consórcio pode ser determinado conforme o tipo de atuação que se pretende fazer, o qual se baseia na união de várias empresas tanto interterritoriais, quanto extra-territoriais abrangendo parcerias com fornecedores de matérias primas e tecnologia; dependendo de qual setor deseja se cumprir o objetivo. O elemento central das organizações articuladas em formato de redes apontado por Euclides André Mance em seu livro, *A Revolução das Redes* é atuar como agente econômico de maneira a conectar vários elementos, os quais empreendimentos de caráter solidário a fim de construir um modelo com um comportamento antinômico ao arquétipo capitalista. Além de constituir uma relação estável com o mercado no qual está inserido emergindo também uma nova forma de interação com seus consumidores.

A essa interação e convertendo o caráter exploratório e capitalista das cadeias produtivas a um processo que almeje a um desenvolvimento rural que de fato seja sustentável e solidário.

Conclusão

O modelo de organização em redes ou através de trabalho consorciado apresenta inúmeras vantagens para as agroindústrias em seus mais diversos graus de desenvolvimento tecnológico e complexidade econômica. Esse modelo ainda apresenta um mecanismo de fortalecimento e maximização de pequenas agroindústrias familiares de origem camponesa, atuando na forma de diluição de seus custos direcionados a setores mais especializados da cadeia produtiva, tais como comercialização, distribuição e marketing, agregando mais valor a seus produtos e garantindo sua sustentabilidade econômica. e a sobrevivência destes empreendimentos sejam eles de caráter capitalista-empresarial na forma de MPE's ou solidário.

Referências:

Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul Agência de Florianópolis. Gerência de Planejamento Redes de agroindústria de pequeno porte: experiências de Santa Catarina. Florianópolis : BRDE, 2004. 154 p.

Cattani, A. D., Laville, J. L., Gaiger, L. I., & Hespanha, P. (2009). Dicionário internacional da outra economia. *Coimbra: Almedina*.

Casarotto F. N; PIRES, L.H. Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local. São Paulo: Atlas, 1998.

Olave, M. E. L., & Amato Neto, J. (2001). Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas.

Prezotto, L. L. "MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE FORMAS ASSOCIATIVAS E REDES DE AGROINDÚSTRIAS DA AGRICULTURA FAMILIAR." Brasília, 2010.